

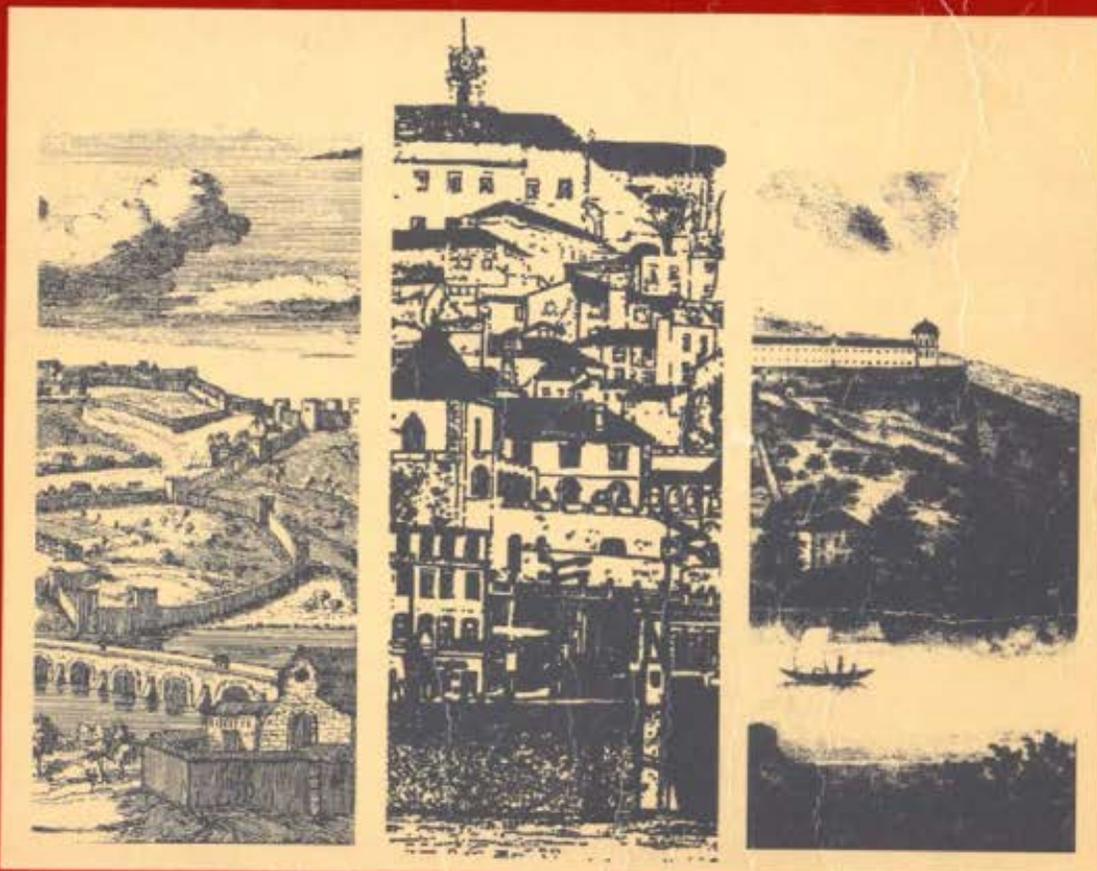
CADERNOS DE GEOGRAFIA

NÚMERO ESPECIAL

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
com a colaboração do Centro de Estudos Geográficos

FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ACTAS DO PRIMEIRO COLÓQUIO DE GEOGRAFIA DE COIMBRA
COIMBRA 1996



TERRITORIALIDADES DO QUOTIDIANO

- um comentário -

Jorge Gaspar*

Quando vi os resumos das comunicações fiquei tão entusiasmado que comecei a escrever/comentar/imaginar sobre cada uma, mas logo vi o perigo de imitar um antigo director da minha escola que sempre queria substituir-se aos convidados-oradores que tinha apenas a incumbência de apresentar...

Curiosamente a maioria são sobre **as mobilidades**: o aspecto mais **forte** nas transformações da intersecção **territórios e quotidiano**.

Apenas uma nos propõe um **olhar** sobre o **estático** da principal infra-estrutura da mobilidade: o verde, as ruas e as rotundas... - Parei com as sugestões e guardei-me para ouvir a totalidade...

Da mais sugestiva, apenas recebi o **título**, por isso guardei ainda mais espaço de escuta.

Mas para justificar a minha viagem, alinharei uma curta nota de sugestões sobre o tema... que espero não se afastem demasiado dos objectivos dos organizadores...

É da repetição dos gestos que resultam padrões de organização do território. Esses gestos podem classificar-se pela sua frequência (dia a dia, semana a semana, ano a ano) e daqui derivam a intensidade e o tipo de alteração territorial: do espaço rural ou urbano utilizado no dia a dia, aos espaços do turismo e lazer, de uso semanal ou sazonal...

São os gestos do **quotidiano**, do dia-a-dia, os mais decisivos modeladores do território, pelo que o seu entendimento é fundamental para a Geografia Humana, seja qual for o ramo em causa - do urbano ao rural, do cultural ao social...

Ora, nos últimos decénios alteraram-se de tal forma as práticas do quotidiano nas sociedades economicamente mais desenvolvidas, que se tornaram bem visíveis as transformações no território, com o natural incremento de tensões.

Em que medida é que as transformações no quotidiano e no território alteraram as territorialidades? E o que é territorialidade:

dos dicionários: "qualidade do que é territorial"; "estatuto a que estão subordinadas as disposições relativas ao território de uma cidade ou de uma nação."

num dicionário de Geografia: "tentativa por parte de um indivíduo ou grupo de controlar ou influenciar um território bem demarcado, que se torna pelo menos parcialmente exclusivo dos seus habitantes."

Discute-se se a **territorialidade** no homem também tem uma **dimensão biológica**, ou se é essencialmente **cultural**.

Devem evitar-se os radicalismos, recomenda a prudência. De qualquer forma a **territorialidade** é inerente ao comportamento do homem, constitui uma necessidade e é fundamental para a **identidade, sentido de segurança e base estimulante para acção do ser humano**.

As relações homens-território implicam sempre uma **temporalidade**, daí a territorialidade variar com a dimensão tempo: do quotidiano ao limite de percepção de cada um, que pode ser a eternidade... e para cada tempo os homens têm as suas territorialidades.

Trata-se aqui hoje do quotidiano.

Ora, nas sociedades economicamente mais desenvolvidas, a principal alteração na interacção espaço/quotidiano foi o grande aumento no consumo de espaço, resultante da convergência de vários factores:

- o automóvel e as mobilidades;
- a diminuição da ligação às comunidades de residência e o incremento das redes de relações (afinidades profissionais, afinidades de lazeres, afinidades sociais...);
- assunção do consumo enquanto valor e, portanto, consumir mais espaço confere estatuto;

* Centro de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

- a necessidade de competição (vista de forma quase abstracta, o que se traduz em incremento da competitividade - que significa competir com o Mundo) repercute-se no dia-a-dia, altera as razões das decisões... com consequências também nas lutas pelos territórios.

Tomemos alguns aspectos destes quatro pontos para exemplificar o tema **territorialidade do quotidiano**:

1. O automóvel e as mobilidades criam logo grande clivagem na divisão/opção público/privado. A territorialidade do transporte público tende a "**domar-se**", a ser menos intensa: ainda agora, no Concurso do Metro do Porto, um consórcio protestou sob a alegação de que uma proposta (ganhadora) previa **seis** utentes por m² e não quatro por m² como estipulavam os termos de referência...

No **automóvel individual**, o homem conquista território: do *parking* ou garagens às faixas de rodagem. A **infra-estrutura pública** torna-se uma arena, onde as estratégias são complexas e iniciam-se logo na escolha do veículo: os mais pequenos para **penetrar** melhor na confusão da cidade; os **maiores** para se imporem pela força/estatuto nas estradas e auto-estradas.

É na **circulação** automóvel que o **Estado** mais regula, mais arbitra e intervém. Compare-se o controle sobre o automobilista com o controle sobre outras actividades que implicam transgressão dos territórios, individual ou social: os cheiros, a poluição fabril, a destruição das paisagens, os padrões de urbanização e edificação... a própria **segurança física e patrimonial** do cidadão (residente: em casa; ou circulante: na rua).

2. O enfraquecer da ligação à **comunidade de residência** tem consequências no próprio **desenho urbano** e na **arquitectura** (fim funcional, afectivo e também formal da **rua**, do **quarteirão**, do **bairro** → valorização do **prédio**, do **fogo**, do **condomínio**).

As pessoas não **lutam** pela valorização da **rua** ou do **bairro** (da limpeza à paisagem/imagem) se esses espaços perdem estatuto. Claro que generalizamos... há excepções - quando o controlo é viável e com resultados perceptíveis, as atitudes podem ser diferentes. Mas para que isso aconteça é necessário que se mantenha uma teia de relações quotidianas com o local. Ora, hoje as relações do **dia-a-dia** são cada vez menos com a loja da esquina, o café local... os vizinhos, e mais com os centros comerciais, os colegas (de trabalho, de *hobbies*, ...), as personagens do mundo exterior que os visitam pela televisão.

3. O **consumo** enquanto valor tem múltiplas consequências nas **territorialidades do quotidiano** (e não só,

também noutros níveis temporais...). Os novos tempos e os novos espaços do consumo: o consumo no tempo sagrado do Domingo - deslocações, infra-estruturas (hipers, centros comerciais...), o consumo no tempo diário da casa: à noite ou à hora de almoço. Consumir mais **espaço** (na casa, no automóvel, no emprego) confere incremento de **estatuto**. O que, identicamente a outras formas de consumo (roupas, livros, ...), tem um **efeito apaziguador** sobre a ansiedade e a agressividade. Assim, a conquista de **território** faz-se através do aumento da capacidade de **consumo**, do **poder de aquisição**, o que é estimulante para a economia do sistema. O que nos remete para o 4º ponto que seleccionámos.

4. A arena mais **global** é o **Mundo** e o sistema apela à **competição global**, que é feita, naturalmente, degrau a degrau. Essa competição global é vista de uma forma quase abstracta, que se traduz num conceito chave dos nossos dias: a **competitividade** (é necessário ter "ganhos de competitividade", hoje valem as "vantagens competitivas", a "competitividade das cidades", a "competitividade das regiões", a "competitividade dos sectores", a "competitividade dos nichos").

Alarga-se a **arena** a um limite não definido, que se inicia nos locais de trabalho e de residência com consequências na **territorialidade** individual, que se torna mais difusa e intermitente: pode gerar-se mesmo uma crise de identidade territorial, com hipervalorização do local(?) e um esbatimento do nível nacional... mas alguns exemplos de outras **culturas** mostram que também se pode dar o contrário (países islâmicos...).

Como resultado **da(s) competição(ões)**, as territorialidades do quotidiano alteram-se, extremando-se.

Assim, por um lado, há um aumento da **promiscuidade** para as classes sociais de menor rendimento - nos transportes públicos, nos espaços de consumo de massa, nos espaços de lazer (cinema, teatro, praias, monumentos), pastelarias, *snack-bars*, *fast-food*... e, por outro lado, há um aumento da **segregação/exclusivismo**: residências, restaurantes, ...

Ao mesmo tempo verifica-se:

uma redução da **agorafilia**: as grandes praças esvaziaram-se, como também os jardins (há cidades que resistem, como Paris, que por isso merecem uma análise); e também a

expansão da **agorafobia** - os *pubs* (fechados), as **discootecas** (fechadas), os centros comerciais em oposição à rua e à praça... Os *fast-food* de sucesso, caso do McDonalds, adaptam-se ao fenómeno, proporcionando simulações de locais resguardados (recantos, semi-reservados) nos seus espaços de comer e culminando no *drive-in*, que permite maximizar a agorafobia, com o

regresso à **concha matricial** que o automóvel também replica.

Mas de novo a dúvida ou contradição: a **territorialidade** associada ao **ciberespaço** e à sua prática, deve incluir-se nesta tendência para a **agorafobia total** ou é um retorno actualizado à **agorafilia**?

Seguem-se 6 sugestões de **Casos de Estudo**: são temas mais ou menos difusos, que me têm vindo a interessar e que o título deste colóquio me recordou a sua pertinência para os estudos geográficos.

1. Territorialidade e meio de transporte diário

Há uma interrelação entre o meio de transporte que se utiliza e as territorialidades que se desenvolvem. Enquanto o transporte individual leva a uma marcação muito forte do território, que se repercute em múltiplos comportamentos territoriais dos indivíduos, o transporte público incrementa a aproximação à sociabilidade. Do mesmo modo que as deslocações pedestres na cidade levam as pessoas a sentirem maior empatia com a rua, com os habitantes, com a paisagem.

O grande surto do automóvel individual é, como se sabe, o principal agressor da cidade, não só pelos efeitos poluidores e de consumo de espaço, mas também por favorecer as práticas menos cívicas, resultado de um exacerbar do sentido individualista do território. Atente-se na oposição entre os comportamentos num parque de estacionamento (tanto subterrâneo, como ao ar livre), com os que se observam nos interfaces de transportes públicos. Enquanto nos primeiros se desenvolve uma sensação contraditória de segurança e insegurança: o carro fica mais seguro, mas o automobilista, sempre que fora do veículo, sente-se mais inseguro, qualquer outro “habitante” do estacionamento funciona como um potencial inimigo ou até agressor.

2. Territorialidade e modos de vida

Os modos de vida tradicionais evidenciam territorialidades muito contrastadas, tanto na sua expressão espacial, como nos seus conteúdos funcionais e comportamentais. As abordagens pelo conceito de Campo Médio de Informação desenvolvido por Torsten Hägerstrand oferecem resultados interessantes, evidenciando bem as diferenças entre nómadas, sedentários ou pescadores na apropriação do território e da informação. Bem como os contrastes entre diferentes grupos sociais no interior das áreas urbanas.

Os novos modos de vida da sociedade pós-moderna geram novas configurações no campo informativo de distintos grupos profissionais ou sócio-profissionais.

Podemos falar em analogias possíveis com as geografias clássicas - os novos nómadas e os novos sedentários da sociedade da informação têm decerto territorialidades muito variáveis. É importante procurar as alterações que as novas tecnologias da informação e os novos modos de vida que proporcionam introduzem nas relações do homem com o território, do mais local - a casa, o gabinete de trabalho, ao mais global - os continentes, os oceanos, o planeta...

Um caso particular que poderia desde já permitir visionar algumas pistas é o do teletrabalho, que altera relacionamentos tradicionalmente definidos na territorialidade do quotidiano: é na repetição do percurso casa-trabalho e na apropriação dos territórios envolventes de um e outro foco, que se configuram as mais fortes âncoras do espaço mental do quotidiano e, a partir daí, a própria relação com a cidade. O teletrabalho altera profundamente esta relação, mas decerto cria outras afinidades, outras formas de apropriação do território.

3. Fumo e Fumo Azul: dois filmes sobre as territorialidades do quotidiano

Paul Auster é dos mais fascinantes ficcionistas a reproduzir na literatura os territórios do quotidiano da grande metrópole. A transposição para o cinema, em dois filmes recentes, Fumo e Fumo Azul, leva-nos a um envolvimento superlativo nesses quotidianos.

A partir de uma loja, um gaveto e espaços de intimidade, que reflectem distintas maneiras de viver urbano, a escala de informação/integração alarga-se. Como em todos os locais está sempre presente a tensão do global, que em determinado momento de um dos filmes se traduz no dilema de empregado e patrão: um seguro e inserido no local, na loja, no gaveto, no bairro; o outro pressionado pela competição envolvente, pela desvalorização de um negócio já desadaptado do lugar e daí a necessidade de reciclar.

Uma lição fundamental destes filmes para o planeamento urbanístico e, em particular, para o desenho urbano, reside no sentido do **gaveto** na nossa urbanidade: o urbanismo moderno acabou com a rua; posteriormente houve tentativas de recuperar a rua, mas esqueceu-se o gaveto (formal, funcional e simbólico). Ora o gaveto é a valorização da esquina no quotidiano, é um segmento vital no território da cidade.

4. Ir a Las Vegas ou a ir à Terra ou a fuga ao território quotidiano

Ainda num daqueles filmes, um casal consegue finalmente libertar-se da estreiteza do seu território limitado, no tempo e no espaço - é a viagem a Las Vegas. A cidade

do fantástico, como outras que recentemente têm sido criadas, **Sun City**, para o sul-africano, que permite a fuga fugaz para um território quase irreal, prometido, onde se vive o maravilhoso, sem tempo definido. Também daí o sentido de “morrer em Las Vegas” (*see you in Las Vegas*), um fim de linha sem tempo, logo limite.

Os territórios do quotidiano são também os que persistem, no dia-a-dia, na mente. Quantos imigrantes, que reconstituem nas suas terras de destino réplicas das terras de origem, vivem continuamente em dois espaços - o da emigração, um destino transitório, o da origem, um destino final desejado, que é mantido ou entrevisto com a “ida à terra”.

5. O Quotidiano numa pequena vila de província

Vários mundos no mesmo espaço euclidiano

- os ritmos do trabalho, do consumo e do lazer
 - demarcação de territórios
 - agorafilia resistente
 - a descoberta do mundo exterior
- os alunos do ensino secundário (nocturno e diurno)

- os reformados: conquista de territórios → da esquina ao banco de jardim: clubes, tabernas, cafés, casa
- os serviços profissionais por conta própria:
 - os novos nómadas...
- turistas e outros invasores - da busca da agorafilia à total agorafobia (desadaptados e viajantes)

6. A tertúlia rural...

Entretanto emergem novas tentativas de espaços de encontro: são as **formas** mais variadas, os *talk-show* participados e interactivos (na rádio, na TV), os **grupos de conversação** na Internet, os clubes, as associações, a tão badalada “conquista de espaço” por parte da sociedade civil.

Mais surpreendente foi uma descoberta que fiz recentemente quando um grupo de jovens, preocupados com questões de ambiente e de ordenamento, me convidaram para uma conversa, num local do Bairro Alto, em Lisboa, o “Café Com Livros”. A organização designava-se, ambiciosamente, **Tertúlia rural!**...